

O HOMEM E A COMUNICAÇÃO

O LIVRO DO LÁPIS



RUTH ROCHA
OTÁVIO ROTH

CREAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

OTÁVIO ROTH

ILUSTRAÇÕES

RAQUEL COELHO

GM
MELHORAMENTOS

O HOMEM E A COMUNICAÇÃO

O LIVRO DO
LÁPIS

RUTH ROCHA
OTÁVIO ROTH

CRIAÇÃO E PROJETO GRÁFICO
OTÁVIO ROTH

ILUSTRAÇÕES
RAQUEL COELHO



MM
MELHORAMENTOS

1992 – Prêmio Jabuti – Melhor Obra em Coleção,
Melhor Produção Editorial
1993 – Prêmio Monteiro Lobato para Literatura Infantil,
Academia Brasileira de Letras





O primeiro homem que tentou desenhar ou escrever não fez como nós, que usamos para isso o lápis e o papel, porque naquele tempo não existia nem lápis nem papel.

Ele deve ter usado os próprios dedos para fazer marcas e riscos na areia, na terra ou no barro.

Mais tarde, deve ter percebido que podia fazer a mesma coisa com pedaços de pau, de ossos ou lascas de pedras.

Com o uso do fogo, o homem descobriu o carvão e os ossos carbonizados, que foram os primeiros lápis da História.



Muitos anos se passaram.

O homem aprendeu a usar o fogo para se aquecer e para afastar as feras. Aprendeu a cozinhar o seu jantar e a cozer sua cerâmica. E aprendeu a proteger o fogo com pedras para que o vento não o apagasse.

A gente pode até imaginar que, um dia, uma dessas pedras tenha começado a derreter, soltando um fiozinho de um material muito brilhante. Quando esse fio esfriou, o homem percebeu que esse material era muito duro e se prestava para muitos fins. Dentre as coisas que o homem fez, utilizando o metal, estão os primeiros estiletes.

Começava aí a Idade do Metal.



Com a invenção do estilete de metal, o homem pôde riscar outros materiais.

A forma dos estiletes era variada. Os egípcios, por exemplo, usavam um estilete resistente e pontudo para desenhar na pedra seus hieróglifos.

Os sumérios faziam um estilete de ponta triangular, apropriado para marcar no barro mole sua escrita cuneiforme.

Os indianos produziam um estilete delicado como uma agulha, com o qual riscavam folhas de árvores.

Mas esses estiletes não serviam para escrever sobre superfícies flexíveis e macias como pano, cascas de árvores ou papiro.



Então foram inventados o pincel e a tinta.

O primeiro pincel, criado pelos egípcios, era na verdade um galhinho de junco mastigado, duro e desajeitado. Mas funcionava bem sobre o papiro, que é bem liso.

O uso do pincel facilitou a escrita, tornou-a mais rápida. Por isso, pouco a pouco, a escrita hieroglífica foi se simplificando, dando origem à escrita hierática e, mais tarde, à demótica.

Mais ou menos ao mesmo tempo surgiu o *paragraphos*, um pequeno instrumento feito de chumbo que foi o antepassado do nosso lápis.

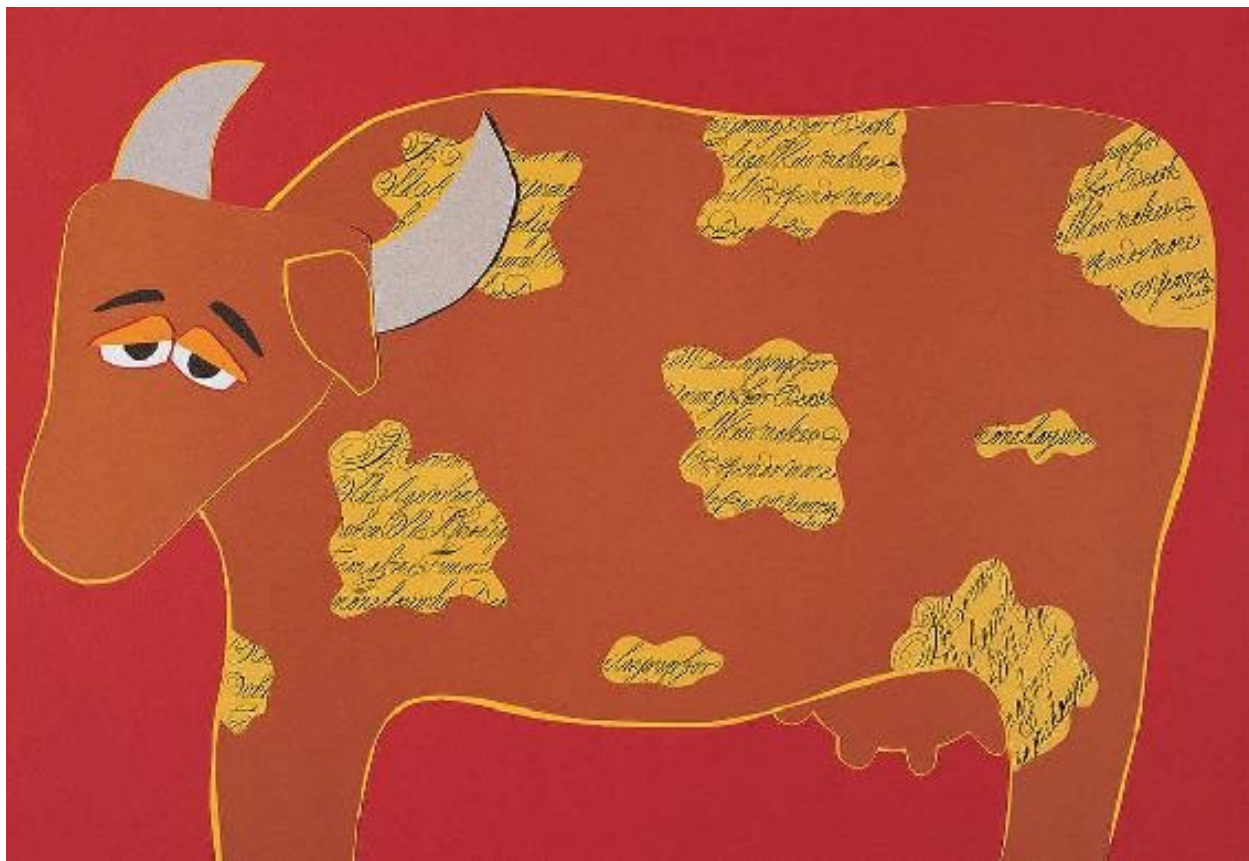


Duzentos e cinquenta anos antes de Cristo, um sábio chinês chamado Meng T'ien, decerto achando o pincel de junco muito desajeitado, teve a ideia de amarrar pelos de animal num pedaço de bambu, inspirado talvez num gato que passava com o rabo sujo... Foi inventado o verdadeiro pincel!

Essa invenção transformou a escrita de riscos duros em pintura de delicadas pinceladas. Assim, a escrita ficou muito mais bonita.

Com a ajuda de uma espécie de tinta nanquim que eles inventaram, os chineses puderam escrever na seda, conseguindo um lindo efeito!

Como se vê, o progresso dos instrumentos de escrever tem tudo a ver com o progresso dos materiais sobre os quais se escreve.



Quando surgiu o pergaminho, que é uma pele de carneiro ou bezerro curtida de uma certa maneira, logo foi inventada a primeira caneta.

Foram os gregos que criaram essa primeira caneta de junco, o mesmo material com o qual se faziam os pincéis antigos. Eles apontavam a extremidade do junco e partiam sua ponta ao meio, para que a tinta ficasse retida pelo junco e fosse saindo aos poucos.

Logo mais apareceram as canetas de bambu, feitas da mesma maneira.

As canetas de penas de aves vieram em seguida. Elas permitiam que se escrevesse com mais facilidade sobre o pergaminho, com formas mais arredondadas e mais delicadas.

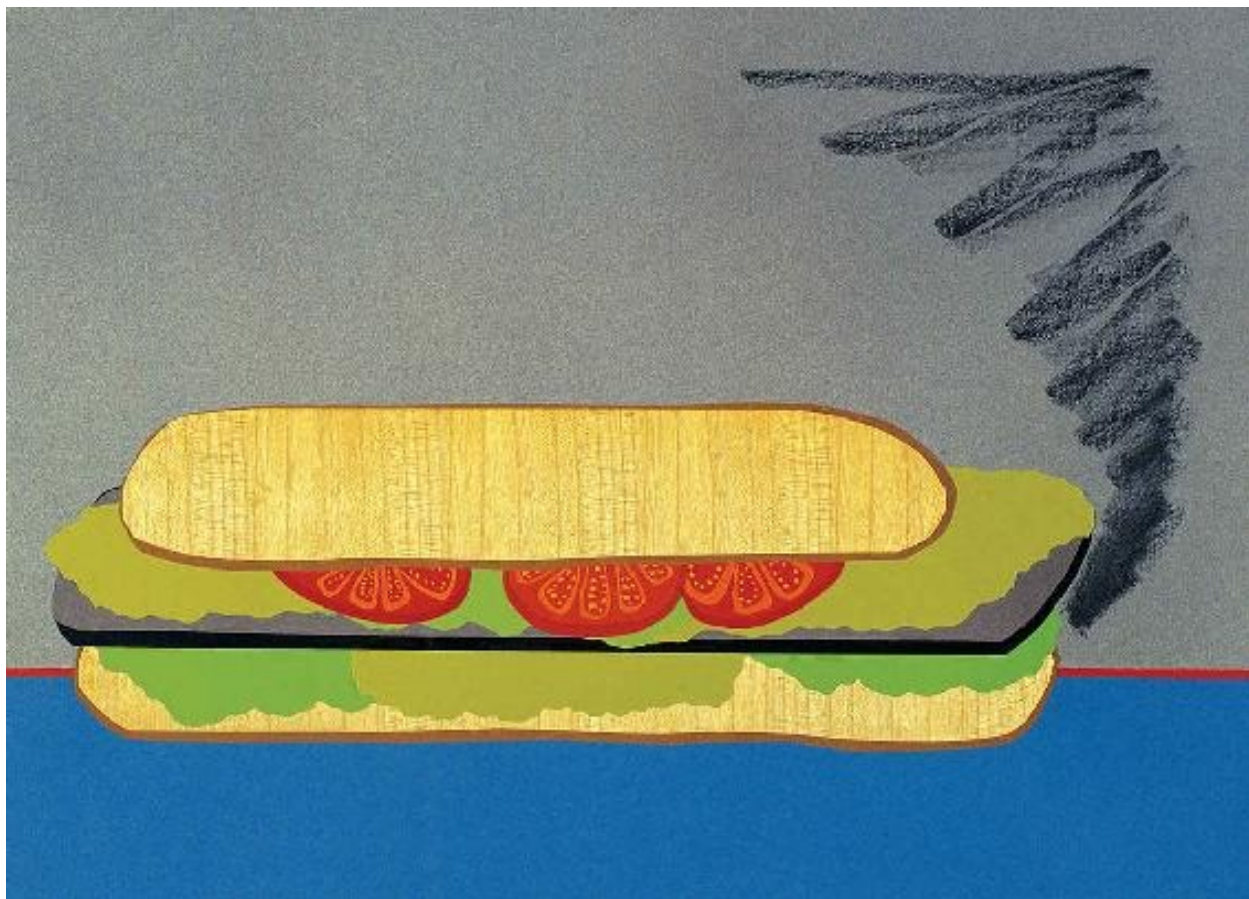


Foi a partir do uso das penas de aves que começaram a aparecer as letras minúsculas e o jeito de escrever que usamos hoje: a escrita cursiva ou escrita de mão.

Na Europa, durante a Idade Média, as penas de asas de aves foram muito usadas. Penas de ganso, de peru, de pavão e até de corvo.

Cada tipo de pena era mais adequado a determinado tipo de trabalho. As penas de cisne se prestavam mais para a escrita; as penas de corvo eram melhores para fazer linhas.

Para escrever com essas penas, tão delicadas, era necessário muito cuidado, pois elas se quebravam com facilidade, desgastavam-se rapidamente e tinham de ser apontadas muitas vezes.



Nos séculos XIV e XV os pintores usavam um bastão feito de chumbo, estanho e bismuto, que fazia o papel de lápis.

O lápis de grafite só apareceu no século XVI, quando foi descoberta a primeira jazida de grafite, que é o material com o qual fazemos hoje as pontas dos nossos lápis.

Foi por essa época que apareceram as primeiras fábricas de lápis.

Os primeiros lápis eram feitos com duas tabuinhas, no meio das quais havia uma “fatia” de grafite, como se fosse um sanduíche. Aos poucos esse conjunto foi ficando roliço, para facilitar o uso.



Enquanto isso, os problemas que as penas de aves criavam estimularam a invenção de penas mais resistentes e duráveis.

Primeiro, tentaram endurecer a ponta das penas colando pedaços de ossos ou de cascos de tartaruga. Mas, apesar de as penas ficarem mais bonitas, não funcionavam nada bem.

Depois, tentaram produzir penas de aço e prata maciços. Mas elas ficaram muito pesadas e com pontas pouco flexíveis.

O problema foi solucionado há quase duzentos anos, quando apareceram as primeiras penas feitas de chapa metálica.

Essas penas eram finas, leves e flexíveis, e eram fixadas na ponta de uma haste de madeira, nascendo assim a caneta moderna.



A invenção das penas metálicas foi um sucesso!

No mundo todo surgiram fábricas de penas dos mais variados formatos, tamanhos e preços.

Havia penas para letras grandes e pequenas, grossas e finas. Para escrever depressa ou devagar, para mulheres, canhotos e até para línguas específicas, como o árabe.

O cabo das canetas também foi se complicando e embelezando. Havia cabos de madeiras nobres, de marfim e de ouro. Havia até mesmo cabos de vidro!



Mas as tintas que existiam naquela época estragavam as penas, que tinham de ser limpas e lavadas constantemente.

Quando conseguiram desenvolver uma tinta que não estragasse as penas, a caneta-tinteiro pôde ser inventada. Ela trazia um pequeno reservatório de tinta embutido em seu cabo.

Antes da invenção da caneta-tinteiro, nas escolas, cada carteira tinha um pequeno tinteiro, onde era colocada a tinta que os alunos usavam.

A coisa mais comum, nesse tempo, era que a tinta derramasse sobre os trabalhos, que as crianças sujassem os dedos e a roupa e até que os mais levados enfiassem as tranças das meninas nos pequenos tinteiros...



Depois da caneta-tinteiro foi inventada a caneta esferográfica, que se chama assim porque, em vez de pena, tem em sua ponta uma pequena esfera de aço.

Graças a essa esfera de aço e à tinta oleosa, essa caneta desliza suavemente sobre o papel. É uma peça de fabricação barata e hoje existem centenas de modelos no mundo todo.



Existem ainda as canetas hidrográficas. Como diz o nome, essa caneta usa tinta à base de água.

No seu interior há uma haste de feltro, embebida em tinta. A ponta dessa haste, endurecida, serve como pena.



De descoberta em descoberta, de invenção em invenção, o homem vem aperfeiçoando e enriquecendo seus instrumentos de desenho e de escrita.

E esses instrumentos vêm servindo ao progresso da humanidade, permitindo as atividades mais importantes que o homem desenvolve: a ciência e a arte.

Ruth Rocha nasceu em 1931 na cidade de São Paulo. É uma das mais conhecidas escritoras brasileiras de livros infantis e juvenis. Ganhou os mais importantes prêmios brasileiros destinados à literatura infantil: FNLIJ, Prêmio Jabuti, APCA e ABL, entre outros. Atualmente é membro do Conselho Curador da Fundação Padre Anchieta. Casada com Eduardo Rocha, tem uma filha, Mariana, e dois netos, Miguel e Pedro.

Otávio Roth (1952-1993). Paulista reconhecido mundialmente por sua obra em papel artesanal e eventos de arte participativa. Formou-se em Londres pelo Hornsey College of Art. Morou e trabalhou em Israel, Noruega e Estados Unidos. Também recebeu vários prêmios de literatura infantojuvenil como ilustrador e escritor. Suas ilustrações da Carta de Direitos Humanos estão em exposição permanente nas sedes da ONU em Genebra, Viena e Nova York. No Brasil foi pioneiro na divulgação do papel artesanal por meio de cursos, oficinas, publicações e exposições. Seu trabalho de reciclagem de papel e de elementos da natureza contribuiu para a construção da consciência ambiental.

Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Ilustrações: Raquel Coelho

Texto © Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda.

Representado por AMS Agenciamento Artístico, Cultural e Literário Ltda.

Criação e projeto gráfico: Otávio Roth

Conversão em epub: {kolekto}

Direitos de publicação:

© 1992 Cia. Melhoramentos de São Paulo

© 2002, 2009 Editora Melhoramentos Ltda.

1.ª edição digital, junho de 2014

ISBN: 978-85-06-07531-9 (digital)

ISBN: 978-85-06-05376-8 (impresso)

Atendimento ao consumidor:

Caixa Postal 11541 – CEP 05049-970

São Paulo – SP – Brasil

Tel.: (11) 3874-0880

www.editoramelhoramentos.com.br

sac@melhoramentos.com.br

